

Mecanizar região do Douro com reconversão parcial

É possível mecanizar as vinhas tradicionais da Região Demarcada do Douro conservando a paisagem Património da Humanidade. Investigadores portugueses testam sofisticada máquina suíça.

46

Existem na Região Demarcada do Douro cerca de 45 mil hectares de vinha, implantada em encostas, caracterizada por difíceis acessos às parcelas e difícil mecanização. Se por um lado, é importante manter a vinha nas encostas, que possuem as melhores localizações para produção de vinhos de qualidade, por outro, o preço elevado e a escassez da mão-de-obra obriga a pensar em soluções para mecanizar a vinha. Nas duas últimas décadas têm sido reconvertidas muitas vinhas, mas ainda assim apenas 22 por cento da área de vinha do Douro está implantada em sistemas mecanizáveis, que muitas vezes destroem por completo a paisagem tradicional e protegida como Património da Humanidade, pela Unesco. O sistema de instalação mecanizável mais utilizado é o dos patamares (17 por cento da área vitícola da região), seguido da vinha-ao-alto (seis por cento da área). No primeiro, os tractores de rodas são os mais indicados e no segundo os tractores de rastros.

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) tem vindo a estudar os comportamentos das diferentes máquinas e tem feito demonstrações da unidade de tracção mais adequada para



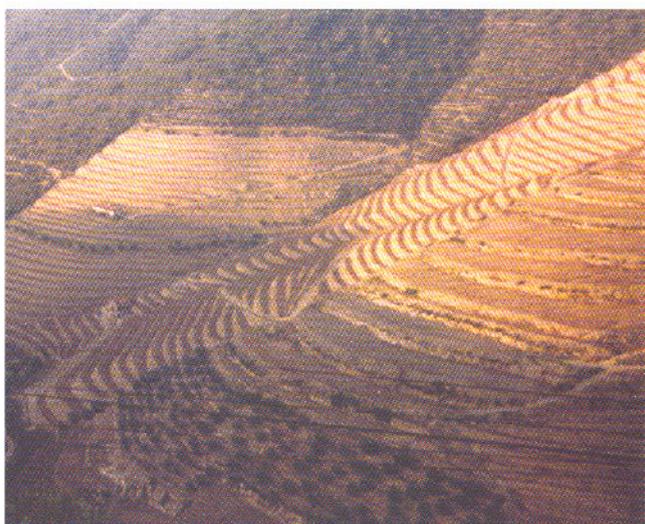
Permite débitos inferiores a 200 litros/hectare

cada sistema de instalação. Um dos projectos de investigação intitulado “Mecanização das Vinhas da Região Demarcada do Douro”, financiado pela medida 8.1 do Programa AGRO, é liderado pelo investigador Fernando dos Santos. O docente constatou na região “uma grande falta de informação sobre aspectos básicos de manutenção e, especialmente, da melhor forma de utilização dos tractores”.

No decurso do projecto, a equipa testou uma sofisticada unidade de tracção de reduzida dimensão e de fabrico suíço. A máquina permite mecanizar as vinhas “sem o recurso à reestruturação



A máquina revelou-se bastante eficaz em operações de despona



Apenas 22 por cento da vinha da RDD é mecanizável



Os micro-patamares de um bardo são “uma solução interessante sobretudo para o mini-fúndio e possibilitam a preservação das características dos vinhedos tradicionais durienses”, diz Fernando dos Santos



Pormenor dos micro-patamares de um bardo

profunda, com a criação de micro-patamares de um bardo, que conduz a altas densidades de plantação, propiciando a possibilidade da manutenção de muros de suporte”, explicou Fernando dos Santos. Trata-se de uma máquina de rastros da marca Multi-Jyp, da empresa suíça Chappot. Tem 790 kg de peso, 80 a 90 cm de largura (consoante os modelos) e é compatível com vários equipamentos standard de tratamento da vinha.

Nos testes realizados com equipamentos de pulverização e despona revelou-se “bastante eficaz”. “Permite débitos inferiores a 200 litros/hectare, o que consideramos óptimo face aos valores normalmente conseguidos e requer menos operações de reabastecimento”, constatou Fernando dos Santos, acrescentando quanto à despona, que a máquina transita com maior facilidade na linha. Recorde-se que os tratamentos fitossanitários são uma das operações culturais da vinha mais exigentes em mão-de-obra e tempo dispendido, pelo que a mecanização desta operação é inestimável.

Na pré-poda a equipa avaliou como “razoável” o comportamento da máquina. O elevado peso do equipamento (perto de 500 kgs), que é acoplado à máquina de forma descentrada, propicia

o desequilíbrio, tornando-a pouco segura para o operador, em terrenos irregulares e pedregosos. “O trabalho deve ser feito muito devagar e com cuidados redobrados, sobretudo no bardo exterior”, alertou o investigador.

A máquina é menos eficaz em trabalhos de tracção, nomeadamente, operações de mobilização do solo: “por ser muito leve tem pouca aderência ao solo e faz um trabalho muito superficial”, explicou o líder do projecto.

Depois dos ensaios realizados pela equipa da UTAD, Direcção-Regional de Agricultura de Trás-os-Montes e Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense, alguns viticultores da região adquiriram a máquina para uso em patamares estreitos - 2m a 2,20m, com bardo a 50 a 60 cm da bordadura do patamar.

“Há ainda um potencial muito grande para reconversão e possibilidade de mecanização no Douro”, concluiu Fernando dos Santos, que defende a reconversão através da criação de micro-patamares de um bardo (já aplicada em algumas dezenas de hectares no Douro) como “uma solução interessante sobretudo para o mini-fúndio, pois possibilita a preservação das características dos vinhedos tradicionais durienses”.